

## **AGROECOLOGIA: a “mãe terra” agradece!**

Nádia Luzia Balestrin<sup>1</sup>

A proposta deste estudo é uma breve reflexão em torno da agroecologia como uma prática agrícola e científica que parte de um modelo referencial e paradigmático distinto em relação ao modelo convencional de agricultura. Trata-se de uma revisão bibliográfica a partir de alguns autores nacionais e internacionais que vem discutindo e contribuindo para o debate deste tema. O século XX, no período pós-segunda guerra mundial, mais especificamente na década de 1960, é marcado por transformações econômicas, políticas e sociais. Na América Latina se disseminou o apelo à inserção da agricultura à denominada “Revolução Verde”. Consistia na implementação e adoção do “pacote tecnológico”, com práticas agrícolas que substituíam os saberes existentes dos camponeses pela inclusão de defensivos agrícolas, insumos químicos, mecanização, irrigação visando o aumento da produtividade. Neste sentido o Brasil adotou um modelo de agricultura baseado no modelo tecnológico norte americano. (ALMEIDA,1998).

O modelo de agricultura tecnológica foi consolidando uma agricultura baseada no tripé “químico-mecânico-genético” (GUIVANT, 1998). Este padrão estendeu-se mundialmente provocando grandes mudanças na produtividade num ritmo bastante intenso. O modelo produtivista agrícola não levou em consideração os danos e impactos causados ao meio ambiente, aos agroecossistemas e ao próprio homem. Em algumas regiões do Brasil, os danos ao meio ambiente foram e continuam sendo irreparáveis, pelas extensões de desmatamento, contaminação do solo e águas, destruição da biodiversidade e uso ininterrupto do solo, sem períodos de pousio, principalmente nas terras destinadas ao agronegócio.

Somente em anos recentes vem se reconhecendo o impacto ambiental desse tipo de desenvolvimento: deterioração dos solos produtivos, contaminação das vertentes hídricas, devastação das florestas e a desertificação dos solos. Somam-se ainda os problemas de saúde pública, ocasionados pela aplicação de insumos químicos. (GUIVANT, 1998: 101)

---

<sup>1</sup> Graduada em Ciências Sociais (UFPR), Mestre em Sociologia (UFPR), Doutoranda em Sociologia (UFPR), Integrante do Centro de Estudos Rurais do Paraná (CERU), Professora do Centro Universitário do Brasil – UNIBRASIL; nadiabalestrin@ig.com.br.

A “Revolução Verde” dos anos 1970, associada à necessidade de intensificar a produtividade e modernizar o campo, desenvolveu assim um modelo de agricultura totalmente dependente de agrotóxicos e de insumos químicos, trazendo consequências danosas para o meio ambiente, para a fauna, para os polinizadores, para os inimigos naturais e também para os recursos hídricos, com a contaminação de rios, lagos, e lençóis freáticos. Além dos danos causados ao meio ambiente, são constatados riscos sociais em relação à saúde, como envenenamentos e doenças associadas, inclusive um crescente número de agricultores com câncer. O sistema socioeconômico, que prioriza a monocultura, o agronegócio, a produtividade a qualquer custo, imprime um modelo agrícola movido por agrotóxicos, por transgênicos, pela destruição de variedade genética e dos ecossistemas, dentre outros malefícios (ALTIERI, 2012).

Nas palavras de Gliessman (2002: 33) “a agricultura moderna é insustentável - ela não pode continuar a produzir comida suficiente para a população global, a longo prazo, porque deteriora as condições que a tornam possível”. Consiste numa lógica da maximização da produção e do lucro, desconsiderando os malefícios causados ao meio ambiente e aos recursos naturais.

Buttel (1995) considera que o século XX foi marcado por duas transições paradoxais no cenário agrário. A primeira, já mencionada, compreende o período que vai do início do século XX até pouco mais da metade do mesmo século, foi marcada pela Revolução Verde. No final do século XX, ocorre a segunda transição denominada de ecologização da agricultura. Nela coloca-se em curso um referencial agrícola ecológico, com características peculiares e distintas da agricultura industrial e do agronegócio. A reflexão em torno do desenvolvimento rural, assim como nos anos 1970, novamente vem à tona,

(...) mas com um conteúdo diferente: antes tratava-se de pensar as condições de levar ao campo tradicional as inovações tecnológicas e outras subjacentes à vida moderna; agora, é a questão do desenvolvimento sustentável que reveste este debate. (FERREIRA & ZANONI, 1998: 21)

O modelo de desenvolvimento produtivista, fundamentado na racionalidade econômica, é um modelo que aprofunda a degradação do meio ambiente. A racionalidade econômica capitalista e o crescimento econômico orientado pelo livre mercado são, no entanto,

contraditórios. O capitalismo é um sistema que parte da premissa de um irresistível impulso para o crescimento, mas que não consegue deter a destruição e degradação que ele próprio provoca (LEFF, 2015).

A transição para a ecologização da agricultura dá forma a uma diversidade de expressões. A agroecologia é uma delas e possibilita a reflexão e a prática de outra perspectiva agrícola voltada para a sustentabilidade no sentido da preservação dos recursos naturais, respeito à diversidade dos agroecossistemas e à sabedoria dos atores envolvidos. Traduz-se numa tentativa de restabelecer os laços de ligação entre o homem e a natureza, compreender seus processos e resgatar as práticas tradicionais. É desafiada também a pensar outras técnicas que não sejam ofensivas, destrutivas, poluentes e possam considerar a dimensão holística do homem e da natureza. Altieri aponta que a agroecologia “Trata-se de uma nova abordagem que integra os princípios agronômicos, ecológicos e sócio – econômicos, à compreensão e avaliação do efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo” (ALTIERI, 2000, p. 16).

Vale ressaltar que a agroecologia também remete a diferentes interpretações e concepções. É uma questão para ser amplamente debatida e pesquisada. Deseja-se que ultrapasse os modismos e não seja mais um termo como tantos outros que esvaziaram-se ao longo do caminho. Como afirma Brandenburg, Billaud, Lamine (2015, p.12) a agroecologia vem “constituindo-se como prática, movimento social e como ciência (...), mais recentemente, como proposta política e programática no campo da educação”. Neste pluralismo de campos da agroecologia um importante ator deste processo é o agricultor familiar camponês, que preserva saberes e resiste ao modelo agrícola produtivista.

A agricultura familiar camponesa (ALTIERI, 2012), a pequena propriedade, pode ser considerada como um dos principais atores na consolidação deste paradigma agrícola. Com cultivos diversificados preservam a agrobiodiversidade, conservam os recursos naturais e são responsáveis por parcela significativa da segurança alimentar. Preservam saberes que reforçam a conexão do homem com a natureza, um elo que foi rompendo-se com a industrialização e o modelo agrícola produtivista.

## Referências

ALMEIDA, J. Da ideologia do progresso à ideia de desenvolvimento (rural) sustentável. IN: ALMEIDA, J.& NAVARRO, Z. **Reconstruindo a Agricultura – Ideias e Ideais na Perspectiva do Desenvolvimento Rural Sustentável**. Porto Alegre: Editora Universidade/URGS,1998.

ALTIERI, M. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. 3 ed. São Paulo - Rio de Janeiro: Expressão Popular – AS-PTA, 2012.

\_\_\_\_\_. **Agroecologia – a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2000.

BRANDENBURG, A. BILLAUD, J-P, LAMINE,C. **Redes de Agroecologia – Experiências no Brasil e na França**. Curitiba: Kairós, 2015.

BUTTEL, F, H. **Transiciones agroecológicas em el siglo 20: analisis preliminar**. Agricultura e sociedade, n.74, p 9-37, 1995.

FERREIRA, A & ZANONI, M. Outra agricultura e a reconstrução da ruralidade. IN: FERREIRA, A.& BRANDENBURG, A. (org.) **Para pensar outra agricultura**. Curitiba: Editora da UFPR, 1998.

GLIESSMAN, S. **Agroecologia – Processos Ecológicos em Agricultura Sustentável**. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2000.

GUIVANT, J. A Agricultura Sustentável na Perspectiva das Ciências Sociais. IN VIOLA, E. et al. **Meio Ambiente, Desenvolvimento e Cidadania: desafios para as Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez, Florianópolis; Universidade Federal de Santa Catarina, 1998

LEFF, H. **Saber Ambiental – Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder**. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2015.